

# TABUS LINGUÍSTICOS

R. F. Mansur Guérios

(Continuação)

103. HAVERS, *Neuere Literatur zum Sprachtabu*, § 22. — “Ofereciam-se-lhe sacrifícios; a essência de todos os sacrifícios consistia em alimentar e reanimar o fogo sagrado, nutrir e desenvolver o corpo do deus. Era por isso que se lhe dava primeiro a lenha, e que em seguida se vertia sobre o altar o vinho ardente da Grécia, óleo, incenso e gordura das vítimas...” “Ninguém duvidava que êle estivesse presente e comesse e bebesse; e, de fato, não se via a chama elevar-se, como se se tivesse alimentado com os manjares oferecidos?” (FUSTEL DE COULANGES, *A Cidade Antiga*, trad., v. I, 2a. ed., Lisboa, 1920, Cap. III).

103-a. O ital. *civare*, “municiar uma arma de fogo”, provém do lat. *cibare*, “alimentar”. Haverá origem metafórica?

104. MEILLET trata dessa palavra, em vários idiomas indo-europeus, comparando-se com “água”, tida igualmente como divina: “La Catégorie du Genre et les Conceptions Indo-européennes” in *Linguistique Historique et Linguistique Générale*, I, Paris, 1926, p. 215.

105. *Ibidem*, § III.

106. *Dic. do Folclore Bras.*, Rio, 1953, s.v.

107. G. T. Bertoni, *Dic. Guayaki-Castellano* in *Rev. de la Soc. Cient. del Paraguay*, t. IV, n.º 5, 1939, p. 36.

108. Reconhecidos os exageros do psicanalismo (v. PAULO SIWEK, S. J., *A Psicanálise*, S. Paulo, 1945), é improvável também a simbólica sexual do fogo. Há nessa crença e em outras referência ao fogo divinizado. O acréscimo — “urina na cama” — pode ter relação com o ato vedado que se verifica em “faz mal menino mijar no fogo, porque seca as urinas” (C. CASCUDO, *Dic. do Folcl. Bras.*, s. v. *tabu*). Isto é, “quem brinca com o fogo”, desrespeita-o como se cuspiisse ou lançasse água nê-le. O “porque seca as urinas” não passa de uma clara sanção supersticiosa. Ou talvez tivesse sido primitivamente apenas — “quem brinca com o fogo, urina” — isto é, “quem brinca com o fogo, desrespeita-o. Cf. o *tabu*, na Alemanha, de urinar para a Lua.

109. Explica-o sexualmente C. CASCUDO, porém é muito provável que seja alusão ao passo bíblico — “Por ventura vem a candeia para se colocar debaixo do alqueire, ou debaixo do leito? Não é antes para ser posta sobre o candelabro?...” (MARCOS, IV, 21-22).

110. Aqui também a credence é, por C. CASCUDO, encarada simbolicamente, isto é, sexualmente, mas parece que tal superstição lembra o uso de velas acesas em velório.

111. O fogo “afugentava fantasmas noturnos em qualquer parte do mundo. Os indígenas viajavam com o tição fumegante como uma custódia contra os assombros da mata. Nenhum animal fantástico ousou jamais enfrentar o clarão do fogo. Viajantes no continente americano ou africano dão depoimento idêntico”. (L. da C. CASCUDO, Dic. do Folcl. Bras., s. v.).

112. Quem fizer fogo “sôbre os vestígios de um fogão, isto é, sôbre as cinzas ou tições apagados de uma fogueira feita anteriormente, no mesmo lugar de pouso” estará sujeito, fatalmente, às maiores desgraças (AUGUSTO MEYER, Guia do Folclore Gaúcho, Rio, 1951 s.v. fogo-morto). Fato símile se verifica atualmente no Nordeste brasileiro (G. CASCUDO, Dic. do Folc. Bras., s. v. fogo-morto).

113. L. da C. CASCUDO, Dic. do Folcl. Bras., s. v. fogo.

114. Dict. Etym. de la L. Fr., s. v. tuer.

#### 14. O fogo como divindade.

O fogo tem sido considerado não só um ser vivo, senão também uma divindade. Não são, pois metafóricas, pelo menos na origem, expressões comuns a numerosíssimas línguas dos mais variados povos (103) — **alimentar o fogo (103-a) avivar o fogo, alimentar as chamas, e talvez línguas de fogo, e que estas lambem.**

Lembremos, em primeiro lugar, que, consoante a concepção dos remotos Arianos, havia duas expressões referentes ao fogo — uma para o fogo sagrado e outra para o profano. Aquêla pertencia ao gênero animado e considerado ser superior ou masculino (corradical do sânscrito **agnîh**, lat. **ignis**, etc.), e o outro pertencia ao gênero inanimado ou neutro (corradical do grego **pyr**, ingl. **fire**, etc.) (104).

Essa concepção divina do fogo, das priscas eras arianas, vemo-la muito concreta principalmente nos descendentes he-lenos, romanos e hindus.

“A casa d’um Grego, ou d’um Romano, encerrava”, assim inicia FUSTEL DE COULANGES (105) o capítulo respeitante ao fogo sagrado, “encerrava um altar: neste altar devia haver sempre um pouco de cinza e de carvões acesos. Era uma obrigação sagrada para o dono da casa conservar o fogo de noite e de dia. Desgraçada a casa, onde o fogo se extinguisse!” E mais adiante: “Não era permitido alimentar êste fogo com qualquer espécie de madeira; a religião distinguia,

entre as árvores, as espécies que podiam ser empregadas para esse fim e aquelas de que era impiedade servirem-se”. Não resta dúvida que “êste fogo era alguma coisa de divino; adorava-se, prestava-se-lhe verdadeiro culto. Dava-se-lhe como oferta tudo o que se imaginava poder ser agradável a um deus: flôres, frutas, incenso e vinho”. “Reclamava-se a sua proteção que se cria poderosa”.

Entre os Helenos, **Hestia** e, entre os Romanos, **Vesta** era a personificação do fogo sagrado.

Para os Hindus, **Agnih** é essa divindade, cujo fogo o brâmane “deve conservar de noite e de dia; tôdas as manhãs e tôdas as noites lhe dá lenha para o alimentar; mas, como entre os Gregos, só pode ser lenha de certas árvores indicadas pela religião”. “O fogo do lar era, como na Grécia, essencialmente puro; proibia-se severamente ao brâmane lançar nêle qualquer coisa salgada e até aquecer os pés ao seu calor. Como na Grécia, o homem culpado não podia aproximar-se do lar antes de se ter purificado da mancha” (F. DE COULANGES).

Na atualidade, mesmo entre povos civilizados, o fogo ainda possui, se não adoradores, como outrora, pelo menos seus veneradores ou admiradores. E as fogueiras juninas são persistentes vestígios, atestados do que outrora foi a pirolatria.

Não é talvez pelo “caráter utilitário”, como afirma **CÂMARA CASCUDO**, que “portuguêses, africanos e americanos tiveram o culto do fogo ou sua veneração” (106), e, sim, pelo que de extraordinário há nêle, como poderoso consumidor e destruidor, e pelo luzeiro que esplende, patenteadando o que os olhos não alcançam nas trevas.

Os Goiaquis, indígenas do Paraguai, têm uma divindade do fogo, que é **Mbaé-rendy** — “uno de los dioses, un dios más malo, en cuyas manos está el fuego; es un hombre gordo con fuego en las entrañas, que con solo un soplo fulmina y incendia árboles y personas”. Mas “es también justiciero y se le atribuyen buenas acciones” (107).

Entre os Bataques ou Batas (Samatra) em vez de “fogo” (**api**) dizem “príncipe flamejante”.

No Brasil, há diversas sobrevivências ou reminiscências respeitante ao culto do fogo, denunciadas nestas crendices, coletadas no **Dicionário do Folclore Brasileiro** de L. DA CÂMARA CASCUDO: “Quem brinca com o fogo, urina na cama” (108); “quem cospe no fogo, fica tísico”; “quem urina no fogo, morre de moléstias nos rins ou na bexiga (seca as urinas)”; “quando alguém se muda para outra casa ou vai ocupar residência nova, a primeira operação a fazer é acender o fogo”; “ninguém deve arrumar a fogueira com os pés e sim com paus” (do contrário andarás para trás, i. é, terá infelicidade); “faz mal cuspir no fogo; seca o cuspo”; “não se bota luz acesa no chão; faz mal” (109); “faz mal entrar em casa com luz acesa na mão” (110); etc.

Em Portugal: “Aquêlê que pegar no lume, urina na cama”, urinar no lume dá dor de pedra (cólica vesical)” (“Rev. Lus.”, 28, p. 255-256).

Na Ucrânia, têm o fogo em muita veneração, como um ser sagrado, e consideram pecado falar mal dêle. Não o denominam com o nome apropriado, que é irritá-lo; usam de expressões substitutivas como *pust svit*, “brilho vazio, inútil”, e é perigoso falar nêle à tarde e à noite.

Na Rússia, e também na Ucrânia, chamam *teplo* ao fogo, isto é, “o quente”, ou “a riqueza” (*bogatja*, *bagatce*) ou “a claridade” (*svetlo*) ou “o crépito, assobio” (*sopot*) ou ainda “o hóspede”, “o pecado”, “a ação do pecado”.

Os Abcazos chamam-no *amka*, “o inqueimável”, “o que não queima”, e é proibida a palavra “queimar”, e para isso usam locuções como “Deus o preserva”, etc. Quando se verifica um incêndio, não se diz — “está queimando”, mas “está umedecendo” ou “está úmido”, ou, então, “isso é riqueza; alegre-se!”

Povos altaicos chamam ao deus do fogo — “o dedal” — e é perigosíssimo invocá-lo pelo nome verdadeiro.

Na Suécia os pastôres evitam a palavra “fogo”, que é substituída por “calor”.

Os Ilas, norte da Rodésia, por ocasião da fundição do ferro, não permitem citar o fogo com seu nome usual, porém “o quente”; do contrário, não se realiza a tarefa.

Não resta dúvida que as neoformações nas línguas arianas são explicadas pelas interdições. Se os Hindus, os Romanos, os Eslavos conservaram a palavra sagrada (**agnih**, **ignis**, **ognji**), os Iranianos substituíram-na por **atar**, os Helenos por **hestia**, parte dos Germanos (nórdico ant., anglo-sax., etc.) por **\*ailida**. A substituição prosseguiu nos tempos posteriores; o grego moderno postergando **pyr**, criou **photía**, derivado de **phôs**, **photós**; e as línguas românicas abandonaram **ignis** em favor de **focus**.

Está sujeito à morte quem, nas contanhas da Romênia, em Hutani, fala em **foc**; usar-se-á **lúmina**. Aqui o derivado de **focus** teve o destino de tabu.

O respeito ao fogo, como um ser vivente, manifesta-se lingüísticamente ainda sob outras formas.

Para “acender” há expressões como “avivar”, que não são metafóricas como parecem, mas necessária consequência da concepção primitiva. O port. **avivar o fogo**, ou símiles, é expressão comum a muitos povos. Em norueguês, etc., “acender” é um verbo corradical do alemão e inglês **quick**, “vivo”, e no russo — “fazer vivo o fogo”.

Criou-se no latim vulgar da Gália **affocare** (**ad** + **focus**) para a idéia de “excitar o fogo, soprá-lo” (Cp. dialetos francezes **affouer**, **afroé**).

O apagar do fogo é, p. ex., entre os Malaios — “morrer a tocha (ou tição)”, como entre os lavradores da Baixa-Saxônia — **de Lampen is dot**, “a luz morreu”, como em port. **o fogo morreu**; etc.

Mas, entre certos povos, como os Persas, extinguir o fogo era crime de assassinato, passível de castigos, e naquelas gentes em que se podia apagar o fogo, não se permitia, contudo, fazê-lo mediante água ou sôpro.

Entre os Armênios, não se tolera dizer — “Apague o fogo!” — mas “Abençoe o fogo!” — e tal se faz, em várias regiões, com as próprias cinzas. É sacrilégio apagá-lo com água. Popularmente, na Armênia, a expressão que usam para apagar é “fazer descansar o fogo”, pois que essa divindade, assim o crêem, não morre, porém dorme como um ser vivo, e que, no dia seguinte, desperta para perseguir os espíritos malignos (111).

No Brasil, “o lume doméstico não pode ser extinto com água e sim afastando-se a lenha, espalhando-se as achas, dificultando a comunicação. Apagar fogo com água é tentar a sorte, perdendo quanto ganhou ou economizou”. “Não se apaga fogo com os pés, pisando, mas batendo com galhos de árvores” (112).

Muitos povos orientais mantêm o tabu de proferir expressões para a extinção do fogo com dizeres comuns. Deve-se empregar, p. ex. — “encurtar o fogo”, “apaziguar a tocha”, “ir sobre a tocha” (porque não se assopra, mas aperta-se com os dedos).

A superstição do **fogo-morto**, difundida outrora no Rio Grande do Sul, deve ser ligada à veneração que se tem atribuído ao fogo através dos povos e dos tempos (113).

Os Sérvios, por ocasião de uma festa nacional, dizem “alegrar” ou refrescar” (= “apagar o fogo”).

No Tajiquistão, fronteira entre a Rússia, Afeganistão e China, evitam o verbo **kushtan** que, originariamente, significa “matar”; dizem “despedir o fogo”, como quem dissesse que o mesmo cumpriu o dever e já não se tem necessidade dêle.

As mulheres árabes da Argélia, que outrora eram guardiãs do fogo doméstico, conservam expressões do uso antigo para o fogo, as quais são, p. ex., “adormecê-lo” ou “alegrá-lo”, em vez de ‘apagar o fogo’ ou símiles, que são dizeres de mau agouro.

O port. e o esp. **apagar**, aplicado ao fogo, deve ser um substituto de **extinguir**, ou símile, tornado tabu. **Apagar o fogo** remonta à expressão latina (**ignem**) **focum pacare**, “apaziguar o fogo” (corradical de **pax, pacis**, “paz”) e, por sua vez, sinônimo de **incendia sedare**.

**Tutari** ou **tutare focum**, etc., seria, pois, com a extinção verdadeira a que se procedesse, seria “protegê-lo”, “deixá-lo em paz”. O fogo só em atividade é que poderia ser vítima de profanação, e, com a sua extinção, ficaria em paz, protegido.

Da expressão latina **tutare ignem** ou **focum**, “proteger o fogo”, i. é, “fazer ou deixar repousar o fogo”, proveio o fran-

cês **tuer**, “matar”, aplicado depois ao homem — ‘extingui-lo como uma chama”, mais ou menos como a locução da gíria francesa **apaise rquelqu’un**, norueg. **ant slo”va**, nórdico **stilla**, “deixá-lo quieto”, i. é, “matá-lo”.

DAUZAT, p. ex., registra (114) que o lat. **tutari** chegou ao sentido de “extinguir” através de locuções como **tutari sitim**, “extinguir a sede”. Contudo, ver outra explicação desta frase no cap. 22.

(Continua)

#### ADENDA:

Ao cap. 8 — Entre os Tuanas, no canal Hood, Washington ocid., os antropônimos são de dois tipos principais: **nomes de adulto** e **nomes de criança** ou **alcunhas**. Quando o indivíduo passa a ser adulto, muda de nome. Os nomes de escravos e de alguns homens livres da classe baixa só podem possuir nomes do 2.º tipo. (W. E. Elmendorf, “Word Taboo and Lexical Change in Coast Salish” in “Int. Journal of Amer. Ling.”, 17, n.º 4, 1951, p. 205).

Ao cap. 9 — Depois da morte de **Stalin**, seu nome foi “tabuizado” pelo próprio Comunismo.

Os Turcos, nos países de língua árabe (Síria, Líbano, Palestina, etc.) dizem **coja** quando se dirigem ao cristão, para não lhe dizer “senhor” (Miguel Nimer, “Infl. Orient.” II, S. P., 1943., 143, p. 102).

Ao cap. 10 — No ital.: **Per mio!** (=Per Dio!) (“Diz.” de Zingarelli, s v. **mio**).

No ingl.: **By jingo!** (“Dic. Crit. Etim”. de Corominas, s. v. **jingoísmo**). **Zounds!** (= By God’s wounds) e **Help me bob!** (= Help me God!) (A. Carnoy, “La Science du Mot”, p. 248).

Ao cap. 13) — Os Mundurucus dão o nome de **Ipirawat** a um ser mitológico habitante do interior da terra (**ipi**=terra) (C. Stroemer, O. F. M., “Die Sprache der Munduruku”, Viena, 1932, p. 51).